

RESENHA DO LIVRO “A LIBERDADE É UMA LUTA CONSTANTE”, DE ANGELA DAVIS

MACEDO, Larissa¹

BURKLE, Luisa²

1. Uma introdução à Angela Davis

Se fosse possível resumir a Angela Davis retratada em “A Liberdade é uma Luta Constante” em uma única expressão, seria “símbolo de liberdade”. O ativismo de sua vida inteira, em diversos âmbitos de luta, dão a ela uma propriedade clara e confortável em seu discurso, que combina completamente com seu jeito calmo e perspicaz de se expressar. Passando pelos mais diversos assuntos, como feminismo negro, a Palestina, A violência policial estrutural, o abolicionismo prisional e o próprio racismo, Angela, seja respondendo perguntas ou em seus discursos, acaba introduzindo ao leitor um mundo de ideias coesas e correlacionadas que se complementam, reforçando uma ideia de vínculo entre lutas sociais que defende veementemente em diversos momentos, afirmando que só por meio desse reconhecimento de si em lutas teoricamente de outros, nos aproximamos de verdade de entender as lutas um dos outros e nos apoiarmos entre si.

Angela expõe, nessa grande conversa, um pouco sobre a sua trajetória militante, passando pelos movimentos Black Power, Panteras Negras e pelo Partido Comunista dos Estados Unidos (Communist Party USA, CPUSA), tendo sido inclusive colocada na lista dos dez maiores fugitivos mais procurados do FBI, e presa, posteriormente, num período de profunda perseguição a suas convicções. Inocentada após 18 meses, não deixou, porém, de ser perseguida por sua fala feminista, comunista e anti-racista, durante toda a sua caminhada.

Um dos momentos mais brilhantes de Davis é, sem dúvida, a Interseccionalidade e suas interconexões entre raça, gênero e sexualidade. Pioneira no conceito, sem jamais ofuscar as pessoas que vieram antes dela nessa discussão, mesmo não necessariamente ligando ao termo criado, Angela nos alerta, ainda, aos perigos do individualismo. Cita, nesse contexto, o jornal Triple Jeopardy (Tripla Ameaça), publicado pela organização Third World Women’s Alliance (Aliança das mulheres do terceiro mundo), que falava justamente dos perigos do racismo, sexismo e imperialismo, entre outras produções de conteúdo à época, com intuito de

¹ Graduanda em Direito na Universidade Federal Fluminense (UFF).

² Graduanda em Direito na Universidade Federal Fluminense (UFF).

demonstrar uma luta histórica anterior a “interseccionalidade”. O jeito de relacionar lugares de fala normalmente catalogados como individuais é exposto de maneira a prender a atenção do leitor, sempre didaticamente. O fato de que ninguém é uma coisa só, muito menos sofre unicamente um tipo específico de opressão é um ponto-chave. É impossível entender com veracidade e profundidade o feminismo, por exemplo, sem reconhecer primeiro a influência das diferentes características e suas construções sociais, que são somadas a condição “mulher”.

Em sua obra publicada no ano de 2016, temos algumas discussões exploradas:

- O Feminismo e a Interseccionalidade;
- Os Perigos do individualismo como componente do neoliberalismo, para solidariedades transnacionais;
- A relação entre a causa palestina e Ferguson;
- O preconceito estrutural na sociedade.

“A Liberdade é uma luta constante” orbita por um ponto central: A violência sistêmica e a fundamentação do Abolicionismo prisional com o racismo. Todas essas pautas se encaixam, em algum momento, na linha de pensamento apresentada em seus discursos e respostas. São partes intrínsecas de seu processo de conhecimento.

2. A luta pela igualdade de oportunidades quanto a gênero

“Quando as mulheres negras se movem, toda a estrutura política e social se movimenta na sociedade”. Angela Davis afirma que esse acontecimento se deve ao fato de que a mulher negra está na base de uma pirâmide social. Seus atos desestabilizam a base do capitalismo. No século XX, época do movimento pela liberdade negra, era a situação das trabalhadoras domésticas negras que mais se aproximava da escravidão. O movimento de boicote aos ônibus de 1955, tão importante para a declaração de inconstitucionalidade da segregação dos ônibus em Montgomery, Alabama, não teria metade de sua força sem a adesão dessa classe da sociedade. A autora diz, inclusive, que, por conseguinte, a figura de Martin Luther King poderia nunca ter se tornado tão proeminente. No decorrer da narrativa (e da história) há diversos acontecimentos que exemplificam e legitimam essa frase. A autora cita ainda, em seu discurso realizado na Universidade de Birkbeck, em 25 de outubro de 2013, a

reivindicação de assentos na convenção nacional do Partido Democrata para integrantes do Partido Democrata da Liberdade no Mississippi, por Fannie Lou Hamer (Ativista negra que reivindicou direitos civis e políticos), que resultou na ocupação desses que eram originalmente destinados exclusivamente a delegação branca. Diz ainda que Fannie preparou, de muitas maneiras, o caminho para Barack Obama.

Entretanto, é impossível ignorar a suposição de que a liberdade negra era a liberdade para o homem negro. De diversas maneiras, o feminismo negro começou sendo visto como uma “sub-classe” tanto do feminismo, como do movimento em prol da liberdade negra. A autora aborda a questão nos lembrando de que na época de seu surgimento, pedia-se as mulheres negras que escolhessem entre o movimento negro ou o movimento feminista, quando o mais adequado seria “Compreender as intersecções e interconexões entre os dois movimentos” (Pg. 21). Seus atos de resistência, no entanto, não deixaram de se fazer presentes. Seus ideais influenciaram (e ainda influenciam) gerações. De acordo com Angela Davis, os feminismos antirracistas radicais são importantes no sentido de que influenciaram a maneira como a população jovem, em especial, pensa as lutas pela justiça social hoje. Isso porque essa forma de reconhecer a forma como gênero, sexualidade, classe e nacionalidade se entrelaçam é fundamental para a pressuposição de que é possível ter vitórias em qualquer movimento antirracista. Angela deixa claro nessa obra que o feminismo negro é mais do que a igualdade entre gêneros vista do ponto da mulher negra, mas sim também uma ligação entre lutas sociais a compreensão de suas conexões. Há uma ponte entre o racismo estrutural na sociedade que legitima uma violência desproporcional do sistema contra pessoas que são menos consideradas por suas condições e lugares nas pirâmides sociais construídas pelo capitalismo, e os mais variados preconceitos e violências associados a eles, por todo mundo. Nesse sentido, o processo de entendimento das semelhanças entre a atual situação do conflito na Palestina e as condições estruturais que levaram a morte de Michael Brown é feminista por essência.

Ainda nessa linha de pensamento, Angela discorre sobre a solidariedade necessária para, na prática, aproximar as lutas sociais que já estão ligadas no campo ideológico. Segundo a autora, é necessário um reconhecimento pessoal que, criando um vínculo entre conflitos, causa comoção de uma parcela da sociedade que, teoricamente, não faz parte daquela situação específica. Voltando ao paralelo entre Ferguson e a Palestina, a autora cita um momento onde ativistas da causa Palestina usaram o Twitter para dar recomendações a manifestantes em Ferguson sobre como lidar com o gás lacrimogêneo. Partindo do princípio de que a

solidariedade é, por pressuposto, recíproca, há uma sensibilização. Aquela não é sua causa, mas eles estão sofrendo o mesmo que você. Eles estão sofrendo repressão, ponto. Quando a sensibilização começa, (e ela começa no feminismo), é impossível, de acordo com Angela Davis, que você se considere livre sem a liberdade do outro.

3. A luta constante pelo valor da coletividade

É inegável a importância de algumas figuras históricas, a própria Angela é descrita como um poderoso símbolo. Diversas outras personalidades são citadas na extensão de “A Liberdade é uma luta constante”. Heróis, sem dúvida, que não tem sua importância questionada, como Martin Luther King e Nelson Mandela, porém tem sua “santificação” questionada. A autora, sempre com seu tom provocativo, nos faz refletir sobre o que ela chama de “perigos do individualismo” Num discurso realizado na Faculdade de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres (Soas), em 13 de dezembro de 2013, Davis, interrompendo “unânime efusão de elogios a Nelson Mandela”, em meio as homenagens por sua morte recente, nos atenta a esse fato, como ele mesmo faria, segundo ela.

De acordo com suas convicções, alçar a essa condição sobre-humana algumas personalidades selecionadas nos afastam da verdadeira forma de força, a coletividade. Focar em um só indivíduo, seria também uma maneira de opressão a todos os homens e mulheres que lutaram com ele, enfraquecendo o movimento, de certa forma, e também a novos possíveis agentes de mudança. Segundo a autora, essa diferenciação entre heróis e pessoas normais torna mais difícil o reconhecimento do potencial nos integrantes “normais” da comunidade. O individualismo carrega o peso, ainda, do “pensar em si”. Não pensar no todo (movimento de massa) como agente de mudança é um dos sintomas de não pensar em si como parte do todo, e há grandes mazelas resultantes desse processo, tão vital ao capitalismo. É uma forma de manter as pessoas no sistema. Se você não enxerga força em si mesmo para mudar o sistema, mesmo que por partes, como fizeram os “grandes nomes” que vieram antes de você, você se adequa a ele. Os indivíduos se voltam cada vez mais para seus próprios caminhos, pensam em vantagens próprias, em maneiras de sair do 99% e ir ao 1% de pessoas sustentadas por eles.. É um perigo real para a formação de vínculos vitais para as solidariedades transnacionais que aproximam as lutas. É a lógica do dividir para dominar se mostrando na prática.

Houve, de fato, progresso. A sociedade mudou, e seus componentes também. A existência de uma política negra é parte disso. Uma parcela da população negra chegou a lugares que, tempos atrás, seria julgado impossível. Um desses lugares é a presidência dos Estados Unidos. Diversas discussões surgem a partir desse acontecimento, algumas abordadas por Angela Davis. A autora de “mulheres, raça, e classe” tem diversas críticas ao governo do presidente Barack Obama e aos acontecimentos sociais que decorreram de sua eleição, mesmo tendo sido um fato comemorado por muitos. A liberdade para uma parcela da população negra não significa liberdade a toda a comunidade negra, muito menos a todas as lutas que também são formadas com base no preconceito, esse seria um primeiro ponto. Angela claramente não vê a Eleição de Obama como a queda da última barreira racista, mesmo reconhecendo sua importância. Esse acontecimento histórico foi vital para a organização de um movimento de jovens (virtual), que viram que foi sim, possível, por um presidente negro na Casa Branca. Porém, nesse mesmo sentido, ela problematiza a falta do poder coletivo, após a criação desse, que poderia ter impelido Obama a tomar rumos mais progressistas. Obama poderia, por si só, ter tomado esses rumos, se tivesse insistido, mas, para Davis, o que faltou não foi o presidente correto, mas sim, movimentos de massa. Sem essa articulação, não há mudanças. A violência persiste.

Há de se atentar que mesmo com um presidente negro, a manutenção de estereótipos continua. É preciso um alvo, e esse alvo deve ter um rosto, de preferência negro, para retaliação em momentos de crise. A violência deve ser justificada. É nesse momento que entram pessoas como Assata Shakur, Sandy Stone ou mesmo Michael Brown.

Assata Shakur, primeira mulher a ser incluída na lista de terroristas mais procurados pelo FBI, ferida a tiros pela polícia do Estado de Nova Jersey, falsamente acusada de assassinar um policial. Uma mulher negra.

Sandy Stone trabalhava na gravadora feminista Olivia Records. Sofreu preconceito durante toda a sua vida, inclusive por parte de autodenominadas feministas lésbicas, por não ser uma “mulher de verdade”. Era uma mulher trans.

Michael Brown, morto a tiros por policiais. Não portava armas nem tinha antecedentes criminais. Era um homem negro.

O que todas essas pessoas tinham em comum eram características que faziam suas vidas menos valiosas, a partir de estereótipos. Construções sociais que as faziam diferentes automaticamente, e por isso, perigosas. A criação de um perfil do que seria uma mulher, um

negro, uma pessoa trans, limitou as possibilidades de suas vidas, definiu a eles um lugar. Fez da violência “justificável”.

4. A luta constante contra o inimigo em prol da segurança

Voltando ao tema da violência, ponto chave do livro analisado, é preciso ressaltar que não se fala de maior ápice de agressão, repressão e hostilidade que as instituições prisionais.

Apesar de Angela focar muito mais no caso dos Estados Unidos, pode-se perceber claramente como suas palavras a cerca da ligação entre o encarceramento em massa e a cultura do terror não passam despercebidos em quase nenhuma sociedade contemporânea. Isso porque, ao citar a tragédia de Ferguson, que tomou proporções globais, a autora também deixa claro que o caso foi um momento que marcou a historia simplesmente por repeti-la. A violência praticada contra Michael Brown pelo policial Wilson, apesar de ser contada de diversas versões diferentes (DAVEY; BOSMAN, 2014) e ser vista por diversos pontos diferentes, chocou o mundo pelo fato de não ter verdadeiramente chocado ninguém. Teria sido mais uma morte, dentre tantas outras, passada em branco, se não fossem pelos protestos da população negra, indignada diante de mais uma injustiça, e pelas respostas repressoras da policia local terem chegado aos ouvidos e sensibilidade da mídia internacional.

Ao dissertar sobre como esse momento na historia foi um ponto chave para compreender a repressão, a autora traça um plano muito maior que uma simples resposta agressiva a um protesto pacífico em uma cidade nos Estados Unidos, mas como a situação representa de forma factual a realidade nas instituições prisionais da modernidade.

O encarceramento tem sido tópico de muito debate desde que assumiu a forma com a qual se apresenta nos dias de hoje, principalmente, pois não é possível determinar certamente qual é a função das instituições prisionais. Sites de busca resumem as prisões a locais onde pessoas que cometeram delitos perdem a sua liberdade como forma de pagar pelos seus crimes, livros didáticos as vêem como centros de correção e reabilitação do infrator à sociedade, o senso comum as percebe como campos de concentração destinados a deter indivíduos que ameacem a paz e o Governo hora as definem como instituições lucrativas, hora as definem como gastos exacerbados da verba pública.

Seja a manifestação que ela tome, a função de uma instituição prisional tem uma característica básica, sempre presente em todas as definições: a separação entre a sociedade e o inimigo a fim de garantir a manutenção da paz social.

O conceito de um inimigo constante nunca foi estranho aos Estados Unidos, apesar de que esse “vilão” assumira diversas faces. Desde comunistas a mulçumanos, afrodescendentes a imigrantes o país sempre se manteve unido e forte sob o pretexto da guerra contra o terror, ainda que ela só recebesse esse nome muito depois do surgimento da ideia. Ainda que dentro de sua própria nação, o estilo de vida americano sempre devia ser ameaçado por aqueles que secretamente o invejavam, de outra forma não seria possível manter toda a concepção de algo utópico que deveria ser preservado a todo custo.

Angela Davis encaixa exatamente nessa necessidade de um inimigo a manifestação do racismo em sua forma mais pura na atualidade: o encarceramento em massa. Quando Foucault (1987), em sua obra *Vigiar e Punir*, descreve que o poder esta em toda a parte e que as relações, principalmente em termos disciplinares, ao incorporarem por completo a imposição desse poder como forma de controle deixariam de ser cobertas de violência desnecessária, ele pouco levava em consideração que a violência contra a população negra, principalmente nas instituições prisionais, nunca deixaria de ser necessária. Isso porque a agressão contra as minorias no sistema prisional não é vista como uma forma de repelir um problema dentro da instituição ou uma forma de controlar um detento perigoso, mas sim como uma agressão contra toda uma população. A prisão não é somente uma forma de prender uma ameaça, mas um território a parte das leis humanitárias, onde aqueles que sempre detiveram o poder podem voltar-se quase livremente a épocas em que as leis deixavam que o senhor castigasse o escravo caso ele o desrespeitasse.

O problema do sistema prisional não é a carência de poder ou a falta de controle, é que ele, na pratica, não serve para a ressocialização daquele que pratica um delito, mas sim como uma nova face de segregação, de racismo e de outros preconceitos, de onde sai toda uma política de segurança cujo próprio sistema está montado sobre bases preconceituosas. A segurança torna-se atacar o inimigo, a ameaça, aquele que sempre esteve lá e assume diferentes faces, diferentes tons da pele. A segurança torna-se policiais atirando em jovens negros por nada mais que pretensões, e se voltando em grupo contra aqueles que protestam contra esse ideal.

A autora ainda liga essa posição preconceituosa do sistema de segurança a uma espécie de guerra, em que a militarização da policia, destinada a combater o inimigo sempre

presente dentro do território, com a situação de Israel hoje, já que é possível notar um caminho similar ocorrendo no país. As relações estruturais que tomam um contexto global cada vez mais forte.

A questão da Palestina hoje é muito preocupante para Davis, pois ela identifica os sinais percebidos com o racismo em território nacional se repetindo em padrões na região. É nesse ponto que ela aborda a necessidade da visão como um todo, em entender que na verdade os preconceitos não são o problema de um povo ou de uma sociedade, mas de toda a conjuntura estrutural dos sistemas. Não é difícil comparar o *apartheid* com a situação do povo palestino na atualidade.

Como a própria Angela Davis comenta sobre a colaboração nas listas do povo palestino: “Suas lutas têm muitas semelhanças com aquelas contra o *apartheid* sul-africano, sendo que uma das mais óbvias é a condenação ideológica de seus esforços pela liberdade sob a rubrica do terrorismo (DAVIS, 2013)”

O próprio terrorismo é um exemplo desse caso, enquanto lidando com tragédias humanitárias causadas por grupos extremistas foi possível instaurar uma nova ideia, a de uma guerra contra o terror. Sob essa justificativa foram feitas milhares de atrocidades e criados diversos preconceitos contra religiões e grupos que não eram ligados ao terrorismo. Instaurou-se um novo inimigo, qualquer muçumano pode ser um possível terrorista, portanto é preciso se precaver cuidadosamente antes que eles tenham tempo de atacar. O policial Wilson atirou contra Michael Brown antes que ele tivesse a chance de atacar, como precaução. Isso dissemina o preconceito, as organizações responsáveis pela segurança se põem a defender os cidadãos das ameaças, sem realmente verificarem se elas existem ou são pertinentes.

Dentre essas organizações que atuam globalmente e nacionalmente contra as ameaças à segurança é interessante notar como se destaca a empresa G4S, de segurança privada, no âmbito das políticas e ações repressoras que correm boa parte dos países, inclusive com sede brasileira (G4S, 2018). Essa entidade é conhecida e demarcada pela autora como aquela responsável pela maioria dos aparatos de segurança privados que vem surgindo na onda do Estado neoliberal, assim como pelo tratamento repressivo dos presos políticos em Israel, sendo responsável pela segurança em diversas prisões em Israel e em diversas partes do mundo, um contexto global.

A autora soma todas essas informações ao fato de o setor mais lucrativo do complexo prisional ser o de imigrantes, pelos gastos para a deportação, e a G4S ser responsável pelo

transporte de pessoas deportadas para o México, cria-se toda uma rede lucrativa com a aversão ao imigrante.

Ao passo que o imigrante vira o inimigo e a guerra ao terror mantém seu ápice, os preconceitos institucionais permanecem firmes e se alimentam cada vez mais do medo e da aversão ao inimigo, seja qual face ele manifeste. Volta-se a ideia da proteção do cidadão pela militarização de entidades governamentais e a contratação de empresas terceirizadas que se aproveitam da situação de medo constante, terror constante, para lucrar e se encaixar num papel que há muito tempo já está delimitado: a luta constante contra o inimigo em prol da segurança.

5. A luta constante pela liberdade

A base de toda a obra de Angela Davis pode ser definida, simplificada, em uma expressão: preconceito institucional. Esse conceito pode ser traçado como a raiz de todos os problemas apresentados pela autora no livro, desde o encarceramento em massa às questões da Palestina.

Isso porque, como já foi explicado, os preconceitos se reiteram e se modificam para se adaptarem às realidades que surgem no contexto social. É possível citar como o problema do sistema prisional tem ligações íntimas com as perspectivas racistas da sociedade e das instituições, hoje, nos Estados Unidos, campanhas de “*black lifes matter*” e manifestações contra as ações cada vez mais constantes de policiais contra jovens negros se destacam por sua normalidade. Hilary Clinton sofre diversas críticas baseadas nas “limitações” de seu gênero disfarçadas de críticas contra suas propostas de governo ao concorrer para a presidência dos Estados Unidos. Etnias mulçumanas são barradas em aeroportos em nome da guerra ao terror, para impedir que o terrorismo lance suas mãos contra a sociedade americana novamente. Palestinos sofrem em prisões israelenses controladas por grupos de segurança de empresas privadas, indiretamente patrocinados pelos governos em prol da liberdade.

Todos esses problemas são históricos, sobreviveram a protestos e a movimentos sociais que, apesar de conquistarem muito, falharam em dois pontos chaves: desinstitucionalizar o preconceito e organizar uma frente única de luta pelos direitos.

Sigmund Freud (1990) disserta em *Psicologia das Massas* sobre como comportamento do indivíduo tende a mudar drasticamente quando apoiados por um grupo, tornando-se mais ousado e corajoso, possibilitando que instintos e emoções se revelem com

mais pureza e intensidade que quando a pessoa está sozinha. Em uma escala ampliada é exatamente desse poder de transformação do indivíduo que as instituições se aproveitam para reproduzir preconceitos e garantir a manutenção de atitudes de opressão às minorias. Apoiados por instituições de prestígio público, como as mídias e as organizações de segurança, aqueles que compõem a maioria podem deixar seus instintos de autopreservação irracionais tomarem conta ao ponto de rotular etnias inteiras pelas ações de doze ou treze pessoas. A massa protege esses preconceitos a partir da reprodução constante desses medos e apreensões, o preconceito institucional ganha força se renovando nesse ciclo vicioso de delimitar o inimigo e combatê-lo em prol da liberdade.

A luta contra o racismo, por exemplo, não está somente contra a atitude de um policial isolado, mas sim contra toda a instituição policial que acobertou e fomentou as tendências preconceituosas desse indivíduo a ponto de que ele sente que está cumprindo o seu dever para com a sociedade ao intimidar jovens negros que podem virar ameaças no futuro.

Ao abordar *Psicologia das Massas*, é possível ainda ressaltar como um dos grandes problemas para as limitações nas conquistas sociais apontados por Angela Davis reside exatamente na falta de articulação entre movimentos. Ao considerar que as lutas dos movimentos negros são completamente diferentes das lutas dos movimentos feministas cria-se um particularismo que só tende a atrapalhar e atrasar ainda mais o combate ao preconceito. Citando e conceituando a interseccionalidade, a autora revela como a luta pela liberdade não vai ser conquistada se todas as minorias reclamarem direitos somente para si, mas sim se houvesse uma compreensão que os verdadeiros direitos só serão alcançados ao perceber que as lutas não são tão distintas assim. Sem a massa para apoiar os movimentos, eles podem ser facilmente deturpados e afastados dos olhos da sociedade, reprimidos por sua aparentemente pequena proporção. É junção desses movimentos, na compreensão eu que a luta é uma só, eu está a verdadeira chave para o sucesso verdadeiro.

É exponencialmente mais difícil reprimir um movimento de minorias em prol da liberdade se elas estão unidas e fortalecidas. A massa causa maior impacto e abre espaço para mais coragem, somente com a criação de uma frente única pelos direitos será possível realmente combater o preconceito institucional. Indivíduos como Martin Luther King e a própria Angela Davis são exemplos significativos e inspiradores para a luta pela liberdade e pelos direitos, porém ao entendê-los como pessoas separadas, tal como a mídia tende a fazer, perde-se o foco de que eles só puderam ascender, pois há toda uma massa esquecida a sombra de alguns que fomentou a luta.

Ao propor boicotes (BDS) contra instituições privadas de segurança, ao marchar em conjunto nas ruas e ao se unirem a outros movimentos a favor dos direitos, Angela Davis deixa clara a necessidade de se entender que a luta pela liberdade não é um momento no tempo em que um indivíduo se destacou como o grande precursor da justiça.

A busca pela liberdade é uma luta conjunta e constante que rodeia a sociedade de diversas formas por gerações e que só vai se concretizar diante da interseccionalidade dos movimentos e a união e mobilização de indivíduos pelos seus direitos.

6. Referências Bibliográficas

DAVEY, Monica; BOSMAN, Julie. **Protests flare after Ferguson police officer is not indicated, 2014**. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2014/11/25/us/ferguson-darren-wilson-shooting-michael-brown-grand-jury.html>>. Acesso em: 04 de maio de 2018.

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DAVIS, Angela. **Palestra proferida em 2013**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=W9KxslVHRs8>>. Acesso em: 04 de maio de 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

FREUD, S. (1921). **Psicologia das massas e análise do ego**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

GS4. Disponível em: <<http://www.br.g4s.com/>> Acesso em: 04 de maio de 2018.